

Uma História do Cabo da Guarda

Num certo dia duma data incerta, acertadamente e não para fazer nada, fomos assistir a um jogo de futebol em que o AFC ia defender as suas cores e a sua bandeira. E, pela certa, somar outra retumbante vitória... moral.

Os assistentes acompanhavam o desafio com gritos apropriados, mas geralmente pouco próprios, atendendo a que entre os jogadores dos “trevos” se encontrava um Evangelista, grande pregador de sustos na defesa oposta. Bem alinhados e apoiados na vedação de madeira, os adeptos não corriam o risco de pisar a linha lateral, ou seja, o risco ao lado do piso careca que um ajudante de campo, vergado ao peso do balde, havia traçado com alguma cal pela calma da manhã.

O entusiasmo da claque durante o prélio era tão elevado que a levava a sulcar profundamente o chão debaixo dos pés, sempre que um jogador executava ou errava um pontapé. No final do *match*, serenados todos os ânimos, se contássemos os sulcos em volta do campo, saberíamos a intensidade dos dribles e ataques do nosso *team*, o número de *corners*, as defesas do *keeper*, as fírias dos *backs* e *halfs*, ou se os *liners* nos tinham roubado nos *off sides*. Tudo isto com um *fair play* muito precário e numa linguagem importada, para inglês ver, mas a malta não se importava... e também não sabia outra.

Entre a assistência e as linhas laterais, duas forças mantinham uma apertada vigilância: o Garrafão (alrunha do massagista), a correr com o mesmo em punho, contendo o líquido leitoso para recuperar algum jogador saído à força por alguma entrada mais dura e, com uma boa esfrega, fazê-lo voltar à refrega; a outra força, com o dobro dos efetivos e mais poder de fogo, constituída por dois agentes da GNR, armados de arma a tiracolo e pouca paciência, destinada a manter os assistentes em respeito e aplicar uma massagem especial e mais marcante, a quem ousasse passar das marcas.

Naquele referido dia daquela data incerta, um dos jogadores que havia por ali aos pontapés e às caneladas, ou metendo os pés pelas mãos, aplicou um chuto no couro, inchado e pesado com a água absorvida de alguns colegas que andavam em campo só a meter água, mas com tão nefasta, violenta e desalinhada pontaria, que lhe confere uma rota de colisão com o agente de autoridade que patrulhava a linha lateral. O autor do disparo accidental, que até àquele minuto fatídico não tinha dado uma para a caixa, atinge o guarda em plena caixa torácica, com tanta conta, peso e medida, que o faz perder o

aprumo e consciência, estendendo-o ao comprido, mais branco que a cal das riscas, perante as conscientes e atónitas torcidas. O jogo foi de imediato interrompido, gerando-se ali um berbicacho dos diabos.

Na linha oposta, na porta da Moita (correspondente à porta da maratona), o comandante da guarda vigiava pachorrentamente o pessoal da sua zona e, pelo rabo do olho (e não vice-versa), controlava as ovelhas que pastavam próximo, não fosse uma ovelha rnhosa invadir o terreno de jogo. Dando conta dum imenso burburinho e cheirando-lhe já a esturro, ainda por cima com uma baixa para metade das suas forças, o cabo da guarda, de pachorra perdida e não indo à bola com os jogadores nem qualquer outro gentio, atravessa o pelado pelo risco ao meio, veloz como uma bala e apontando para tudo o que estava em frente, determinado em auxiliar o colega a reentrar no ativo e a dar cabo do canastro a qualquer um, de preferência o culpado, fazendo-o pagar pela medida grossa. Para bem de todos, a vítima, que não dizia coisa com coisa mas não sofrera danos de grande monta, recuperou a fala com rapidez e muito estoicismo, retomando, num ápice, a sua verticalidade inicial.

Estando já refeito todo o destacamento policial (cabo e soldado), o comandante, com ar de poucos amigos, aproveitou a oportunidade soberana para matar dois coelhos duma vezada e sem gastar um tirinho: mostrar a sua autoridade e elaborar um valente relatório da ocorrência, para melhorar a sua folha de serviço tão pobrezinha ainda. Não havia multas de trânsito, pois os carros podiam contar-se pelos dedos, e os roubos cometiam-se todos a coberto do escuro da noite ou fora de mão. Para alcançar os seus fins, decidiu deter o autor daquele atentado à ordem pública, por jogo sujo e ruína prematura de fardamento oficial... e cavalheiro.

Interrogados os suspeitos do costume, constantes da lista secreta superiormente elaborada, *a bem da nação* e ouvidas as testemunhas ocasionais, o comandante caiu em si, vencendo daquela vez a voz da razão. E aquilo que parecia uma cobarde agressão, pessoal e intransmissível, foi arquivado e rotulado como mais um caso de bola perdida.

Moral da história: o pessoal não ganhou para o susto, o Anadia ganhou no campo da luta, sem tremer e sem temer, e houve festa da rija para lá do render da guarda.

E digo que ganhou... com toda a autoridade!